

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



JUVENTUDE E FEMINISMO NO BRASIL: A LOCALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA NA PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE CONCEITOS¹

*Elismênnia Aparecida Oliveira²
Eliane Gonçalves³*

RESUMO

A partir de entrevistas com grupos feministas das cinco regiões brasileiras, auto identificados como jovens feministas, nesse trabalho discutiremos as reivindicações e posicionamentos políticos como demandas localizadas em suas experiências. Trazemos a noção de experiência, no sentido amplo de lugar de enunciação, para pensar como identificam e problematizam idade e geração como categorias importantes para o feminismo. Para entender suas vivências, tratamos também dos processos de transmissão do feminismo, refletindo sobre como avaliam suas próprias existências dentro do universo feminista ao qual se inserem. A análise, centrada tanto nos grupos, enquanto voz coletiva, quanto nas narrativas individuais, localizadas, que expressam pontos de vistas e interesses específicos, expõe uma coexistência multifacetada, não sem conflitos, do “fazer feminista”.

Palavras-chave: Feminismo. Juventude. Experiência. Transmissão do conhecimento.

INTRODUÇÃO

Enquanto algumas Ongs, Núcleos de Pesquisa e Grupos de Estudos completam mais de trinta anos de militância feminista, outros grupos surgem, se desfazem e se reconstróem por lugares distintos Brasil afora, provando que o feminismo ainda é, como aponta Navarro (2009), um dos movimentos sociais que conseguiu mudar o mundo e continua a existir com vitalidade. Mas, nesse caminho de emergência, recomeços e reinvenções, como se dá a permanência do movimento feminista no tempo? Como o feminismo é transmitido?

Ainda que as respostas sejam distintas para grupos e pessoas, entendemos que a relação de transmissão geracional e a chegada de jovens ao feminismo seja

¹Esse artigo é resultado de análises parciais da pesquisa “Estratégias de transmissão intergeracional no feminismo brasileiro (1980-2010)”, financiada pelo CNPq e realizada no período de 2011-2014.

²Graduada em Ciências Sociais, mestranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, militante nos seguintes espaços: Coletiva Feminista e Fórum Goiano de Mulheres/Articulação de Mulheres Brasileiras. e-mail para contato: mennalis@gmail.com

³ Doutora em Ciências Sociais. E-mail para contato: elianego@uol.com.br

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



importante para a permanência de demandas feministas no tempo. A existência concreta de jovens que se identificam como feministas mostra que este movimento tem sido capaz de se reinventar no tempo, ainda que algumas de suas reivindicações estejam longe de se materializar, ao menos aqui, em solo brasileiro. E esta reinvenção tem relação com o modo como as metodologias feministas funcionam.

Este artigo tem por objetivo apresentar alguns pontos de vistas de mulheres jovens inseridas em grupos e coletivos acerca da transmissão do conhecimento feminista, dos contatos geracionais e da coexistência mais ou menos afetada por conflitos que não inviabilizam a prática no presente e também o pensar o futuro.⁴

1 JOVENS FEMINISTAS NO PRESENTE

Apesar da não homogeneidade, o termo “jovens feministas” não aparecerá, doravante, entre aspas, nesse artigo, porque mantivemos o critério da identidade dos grupos e coletivos mapeados que aludem à juventude e ao feminismo, ainda que algumas não reconheçam a validade da categoria “jovem” enquanto um marcador etário. Variando de 17 a 31 anos⁵, essas jovens negras, pardas e brancas, provenientes de todas as regiões brasileiras reafirmam algo já dito por Brito da Mota (2000) de que a dificuldade de identificações etárias fez/faz parte da história do feminismo no Brasil.

Marcadores discursivos - juventude, velhice, feministas históricas, feministas jovens - possuem uma trajetória de conflito e oposição, tal como aponta a pesquisa de Miriam Grossi (1998) sobre a relação entre jovens e velhas feministas em uma pesquisa realizada em 1995 com grupos, núcleos de pesquisa e sindicatos no Brasil.

4 Apresentamos falas em seus contextos mais “autorais” (nomenado as interlocutoras) e também coletivas das Jovens Feministas de São Paulo, Blogueiras Feministas, Corpos Crises, Lobaxs, Coturno de Vênus, Grupos de autodefesa de mulheres, Marcha das Vadias (DF) Bamidelê e Coletivo Unificado de Mulheres da UNB. Também aparecem jovens “feministas independentes” do rock etc., e “feministas profissionais” do Centro Feminista de Estudos e Assessoria (Cfemea, DF) e da Sempreviva Organização Feminista (SOF, SP). As entrevistadas foram ouvidas em eventos nacionais ou em suas regiões de residência e militância nos anos de 2012 e 2013.

5 Embora não haja consenso sobre as variações de idade definindo os ciclos de vida, algumas ONGs feministas se apoiam em classificações de organizações como a ONU e a UNESCO. As Jovens Feministas de São Paulo consideram a idade máxima de 29 anos, mas várias atividades das quais participamos contavam com mulheres entre 16 e 31 anos.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



à revolução e tendo um poder transformador, contestador e revolucionário. Nesse sentido mais usual de juventude, ser jovem é importante e contrário a ser adulto por questões de criatividade, corporalidade, e intensidade em ações e intervenções (Lia, JFSP; Karen, Coturno de Vênus; Luana, Bamidele; Nayara, Coletivo Unificado de Mulheres da UNB; 2013)⁶, a Marcha das Vadias seria entendida nesse contexto como uma marcha jovem por sua ousadia nos usos discursivos e corporais.

Ao lado do protagonismo, identificamos a noção de grupo de alto risco em virtude de processos de silenciamento e violência (Lia, JFSP, 2013). Como apontam em suas narrativas Lia, JFSP (2013) e Luana, Bamidele (2013), as mulheres jovens são o grupo mais atingido por estupros, abortos, e com menos voz em espaços de representação social, dentre eles os movimentos sociais. É a esse segundo significado de juventude que podemos considerar como uma categoria o 'adultocentrismo' apresentando por Lia, JFSP (2013) como presente em práticas de feminismo autoritário em que jovens são vistas como incapazes, inexperientes e sem demandas específicas por sua idade.

Em relação à primeira descrição de juventude, as jovens feministas apontam que a linguagem delas é mais acessível, mais criativa, e que sua corporalidade incomoda mais. A Marcha das Vadias, por exemplo, ainda que como aponte Priscilla, CEFEMEA (2013) remonte a uma antiga bandeira do feminismo - a autonomia do próprio corpo -, tem a visibilidade que tem, porque, segundo Lia, JFSP (2013) e Bianca, Blogueiras Feministas (2013), os corpos jovens 'chamam mais a atenção'. São elaboradas algumas falas que remontam, portanto, a uma juventude da força, da criatividade, da novidade e da rebeldia, mas sem deixar de citar e centrar a questão no processo de silenciamento de jovens feministas.

Existe um conflito geracional posto durante a participação em vivências e encontros feministas entre jovens e feministas adultas, mais velhas, 'feministas históricas', identificado em todas as entrevistas. No entanto, esse conflito é evidenciado com maior ênfase para feministas que estão em grupos que se

6 Optamos por citar as entrevistadas como autoras que falam por seus coletivos, assim não trazemos seus nomes completos, mas seu primeiro nome seguido do nome do coletivo que representam ou se referem em suas falas.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



atividades de decisão. Lia, JFSP (2013) aponta que essa postura revela uma face de autoritarismo feminista em concentrar atividades nas mãos de poucas pessoas e construir relações de hierarquias deslegitimando demandas de feministas jovens. Assim, o adultocentrismo surge enquanto uma categoria a partir da experiência e vivências de jovens feministas com feministas consideradas adultas ou mais velhas, mas junto ao conflito de idade entendemos que está em curso a questão de transmissão.

3 SOBRECARGA, PRIVILÉGIOS E REPRESENTAÇÃO NA TRANSMISSÃO DO FEMINISMO.

Ainda que adultocentrismo seja um termo importante para entender as relações desiguais de participação entre mulheres jovens e mulheres adultas, mais velhas, existem problemas de representação e participação nos coletivos feministas que tem uma relação direta com a transmissão do feminismo ou sua ausência. Como aponta Lia, JFSP (2013) a sobrecarga em atividades para os coletivos centra nas mãos de poucas feministas, que tenham mais atributos, tempo, ou conhecimento, a função de lidar com algumas ações, no entanto essa postura faz com que não só as mesmas pessoas façam sempre as mesmas coisas, mas que também acumulem funções e participações porque elas acabam tendo uma circulação maior, ficam mais conhecidas e assim mais reconhecidas.

Entendemos que nesse caso a questão não é, portanto, a idade porque como apontou Lia, JFSP (2013) acontece nos grupos formados somente por jovens feministas assim como acontece, como aponta Priscila, CEFEMEA (2013) e Bianca, Blogueiras Feministas (2013), acontece em coletivos com maior parte de mulheres mais velhas como a AMB e as Blogueiras Feministas. O problema é a transmissão do 'bastão' em um processo de formação e empoderamento que, a partir das entrevistas, podemos dizer, é pouco cultivado pela maior parte dos grupos feministas. Em relação ao processo de transmissão do feminismo para a ocupação de cargos, participação e continuidade dos grupos, das jovens entrevistadas, Lia, JFSP (2013) aponta que nas Jovens Feministas existe a preocupação de

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



‘empoderar’ as jovens que chegam na intenção de combater diferenças de classe, e de representação, porque fazer atividades por ter ‘maior facilidade/habilidade’, esconde e potencializa diferenças de acesso a bens.

Em um texto de 1980, Joo Freeman (2013), inicia a discussão sobre organização e sobrecarga nos grupos feministas apontando que a organização institucional com divisão de tarefas entre participantes dos grupos feministas não era uma proposta hierarquizante como temiam as feministas, mas poderia combater as práticas de autoritarismo, personificação, e sobrecarga. No entanto percebemos, a partir das entrevistas, que a questão não é somente dividir atividades, e ‘estruturar o movimento’, mas transmitir funções ensinando como atuar e saindo de cena.

Mas como ‘sair de cena’ se o projeto feminista de criar uma ONG, um grupo, uma coletiva é ainda que amplo e em nome da transformação social do mundo, um projeto vinculado a afetividades localizadas na vida das pessoas individualizadas? Como não reverenciar fundadoras das Ongs e coletivos mais importantes em nossas vidas, no Brasil? Como não reverenciar militantes feministas individuais as quais nos sentimos representadas, e como não tê-las a nosso lado quando possível? Como não considerar nossas referências em nossas experiências?

As dificuldades com o processo de transmissão passam, portanto, por essas demandas afetivas de ora ‘querer que todas continuem juntas’, ora querer que a transmissão seja considerada como uma das funções feministas mais importantes do coletivo e tenha, como fazem as Jovens Feministas de São Paulo, um caráter de desligamento do grupo ao completar uma idade específica, 29 anos. Mas as entrevistas trazem outro apontamento; poucos são os grupos que pensam a transmissão nos dois sentidos: 1) transmissão interna formação de integrantes para continuidade do grupo; 2) transmissão externa, formação feminista para população como um todo. A partir das entrevistas, considerando não somente os coletivos mais jovens, mas também os que existem ou existiram entre 20 ou mais de 30 anos, a transmissão geracional é executada mais de forma externa, e a entrada de jovens feministas se dá por ‘feministas profissionais’, é o caso do CEFEMEA e da SOF, apontadas nas entrevistas de jovens.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



A outra possibilidade em relação à transmissão tem sido literalmente o fim dos grupos, tenham eles 3 anos com maior parte de mulheres entre 14 e 21 anos, sejam eles coletivos de mais de 20 anos que até então foram mantidos por suas fundadoras, mulheres que tem entre 40 e 60 anos, os grupos acabam independente de quanto tempo tenham. Seria o fim dos grupos uma consequência do processo de transmissão, ou o fim de um 'momento no tempo-espaço' contingencial que demanda novas articulações? Entendemos a partir de nossas vivências e das entrevistas que numa mistura dos dois processos a transmissão interna tem peso maior para o fim dos grupos e uma relevância menor aos coletivos.

4 FEMINISTAS NUM FUTURO DO PASSADO PRÓXIMO

Nossas perguntas e respostas das entrevistadas apontam que para o feminismo continuar a existir ao longo do tempo a questão não seria em si somente a transmissão do feminismo, para que ele continue a existir precisamos apenas que mulheres existam, porque uma vez existindo mulheres as relações de desigualdade farão com que o feminismo seja necessário. Nesse sentido Karen, Coturno de Vênus (2013) chega a dizer que espera o dia em que o feminismo não precise ter um futuro, não precise existir, pois deixarão de existir relações de opressão por gênero, raça, etnia, classe, sexualidade, corporalidades.

Por outro lado, o futuro do feminismo aparece centrado na necessidade de mais financiamento para os grupos e uma renovação de linguagem para um maior acesso as pessoas (KAREN, Coturno de Vênus; LIA, JFSP; PRISCILA, CEFEMEA; Luana, BAMIDELE; Bianca, BLOGUEIRAS FEMINISTAS; 2013) renovações essa que as entrevistadas acreditam ter nos grupos de jovens feministas, nesse sentido, são citadas atividades de escrita em grande escala, como a produção de artigos das Blogueiras Feministas, mas apontam também a atuação em teatros, performances nas ruas, oficinas, a militância rápida e prática nas redes sociais, e uma captação de que as coisas mudam e para ter acesso a mais pessoas é preciso acompanhar as mudanças, aponta Lia, JFSP (2013) ao falar sobre a relação de jovens mulheres com o funk.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



considerando processos de vivências como relevantes para o processo político e de produção de conhecimento.

Considerações finais: O feminismo e a produção de conhecimento pela experiência

O uso autoral das entrevistadas como coletivo mais do que como autoras individuais foi realizado nesse trabalho com a intenção de evidenciar as demandas de grupos de jovens feministas à produção de conhecimento feminista do Brasil e despolarizar tensões. Trazemos para discussão a importância da experiência, e do lugar de enunciação feminista na construção de conceitos a partir de contextos, assim adultocentrismo e um conceito de juventude que considere um grupo de pessoas em alto risco, são concepções vivenciadas com aplicação teórico-metodológica para pesquisas e políticas públicas.

Assim a experiência que consideramos para esse trabalho, é tal como para Joan Scott (1998) e Avtar Brah (2006) diferente de auto-evidência, e se traduziria em lugar de enunciação. Tratamos experiência como aquilo que constitui a subjetividade e finalmente a identidade das pessoas e resulta das muitas operações de diferença. Gênero, raça, etnia, idade, classe e língua – entre outros - marcam a construção de experiências distintas de subjetivação, identificadas em vivências coletivas.

A questão da experiência é, portanto, uma questão epistemológica sobre produção de conhecimento e representação presente em diversas autoras como Patrícia Hill Collins, Uma Narayan, Sandra Harding, Donna Haraway, Glória Anzáldua, Abigail Brooks ao narrar a necessidade de um saber localizado, de um 'stadpoint feminista'. A partir de contextualizações epistemológicas, nesse trabalho, pensamos 'experiência' no sentido de lócus de enunciação, presente na produção descolonial, que faz referência e não deixa de ser uma apropriação da discussão feminista. Lócus de enunciação é o 'lugar de fala' geo-político, a corporificação da produção de conhecimento, a fala, em pessoas, países, línguas, corporalidades (MIGNOLO, 2003, 2009; GROSGOUEL, 2007).

Tratar de experiência como lócus de enunciação é, portanto tratar da proposta epistemológica feminista de localizar a produção de conhecimento, suas categorias

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



e conceituações, em corpos, lugares e interesses. A existência e importância de uns lócus de enunciação das jovens feministas tem sido importante para problematizações levantadas em encontros, sites e documentos que as entrevistadas apontam sobre seus grupos e vivências. E uma vez que nos voltarmos para demandas de suas falas, mais que para as polaridades e contradições poderemos entender mais sobre o processo de transmissão do feminismo, e sobre a produção de conhecimento feminista no Brasil.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. Erfahrung. In: La Metafísica de la Juventud. Barcelona: Ediciones Paidós, p. 93-97, 1993.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 26, 2006, p. 239-76.

BRITTO DA MOTTA, Alda. A atualidade do conceito de gerações nas pesquisas sobre envelhecimento. *Sociedade e Estado*, v. 25, n. 2, p. 225-250, 2010.

FREEMAN, Jo. La tirania de la falta de estructuras. Ojo De Bruja Ediciones Feministas y Lésbicas Independientes. Disponível para acesso em: <<http://difusionfeminista.blogspot.com>> Acesso em fev. 2013.

GROSGOUEL, Ramón. Entrevista a Ramón Grosfoguel. *Polis*, Santiago, n. 018 [2007]. Entrevista concedida a Angélica Montes Montoya e Hugo Busso.

GROSSI, Miriam Pillar. Feministas Históricas e Novas feministas no Brasil. *Antropologia em primeira mão*. Ilha de Santa Catarina, SC: UFSC/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. n. 28, 1998.

HEMMINGS, Clare. "Telling Feminist Stories". *Revista Estudos Feministas*, v.17, n. 1, p. 115-139, 2009.

MANNHEIM, Karl. "El problema de las generaciones". Trad. SANCHEZ, Ignacio de la Yncera. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS)*, n. 62, p. 193-242, 1993.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad.: Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

